



NARRAR E MAPEAR VIVÊNCIAS ESPACIAIS: LUGARES “LÁ PRA DENTRO” QUE EMERGEM DAS GEOGRAFIAS INFANTIS

Thaís Bôto Xavier ¹

Lorena Lopes Pereira Bonomo ²

RESUMO

Os estudos em relação as infâncias, aos quais nos associamos, investigam o olhar das crianças sobre o mundo que as cercam, rompendo com a concepção na qual a criança é apenas objeto de conhecimento a ser estudado (Costa e Barroso, 2018). Portanto, a criança aqui é vista como ator social, como ser geográfico, capaz de sentir, pensar, produzir e se expressar, narrativa e cartograficamente, em especial sobre os espaços de afeto. Desta maneira, a presente pesquisa, no campo da geografia das infâncias (Lopes, 2013) tem como objetivo compreender a percepção das crianças em relação aos locais de vivência, com base na produção de mapas feito pelas crianças enquanto forma de narrar e espacializar seus lugares (Lobato, 2024). Este estudo foi realizado com uma turma do segundo ano do ensino fundamental de uma unidade escolar localizada no município de Saquarema, região das Baixadas Litorâneas, do estado do Rio de Janeiro. A partir de uma revisão bibliográfica de autores que se dedicam ao campo da geografia da infância, mapas vivenciais e cartografias infantis, além de conversa, coleta e análise de mapas produzidos pelas próprias crianças. A pesquisa identificou que as crianças, com suas infâncias do/no lugar Saquarema, se apropriam da linguagem cartográfica para expressar suas vivências e sentimentos em relação a cidade, apesar de residirem no mesmo bairro a produção dos mapas vivenciais foi muito diversa, com narrativas de lugares distintos do município Saquarema, como a praça, a casa da avó, entre outros locais.

Palavras-chave: Geografia da infância; mapas vivenciais; narrativas do lugar.

ABSTRACT

The studies on childhood, with which we are associated, investigate children's view of the world around them, breaking with the conception that children are merely objects of knowledge to be studied (Costa and Barroso, 2018). Therefore, children are seen here as social actors, as geographical beings, capable of feeling, thinking, producing, and expressing themselves, narratively and cartographically, especially about spaces of affection. Thus, this research, in the field of the geography of childhood (Lopes, 2013), aims to understand children's perceptions of the places where they live, based on the production of maps made by children as a way of narrating and spatializing their places (Lobato, 2024). This study was conducted with a second-grade elementary school class at a school located in the municipality of Saquarema, in the Baixadas Litorâneas region of the state of Rio de Janeiro. It is based on a literature review of authors dedicated to the field of childhood geography, experiential maps, and children's cartography, as well as conversations, collection, and analysis of maps produced by the children themselves. The research identified that children, with their childhoods in Saquarema, appropriate cartographic language to express their experiences and feelings about the city. Despite living in the same

¹ Mestranda do Curso ProfGeo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, thaixavierboto@hotmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Educação, da Universidade Federal Fluminense - UFF, lorenbonomo@hotmail.com



neighborhood, the production of experiential maps was very diverse, with narratives of different places in the municipality of Saquarema, such as the square, their grandmother's house, among other locations.

Keywords: geography of childhood, experimental maps, narrative of place

INTRODUÇÃO

As pesquisas que se dedicam a compreender e analisar a infância tem se expandido, ainda que timidamente, em diversas áreas das ciências humanas, dentre elas a Geografia. Os portais de pesquisas acadêmicas, como EduCapes reforçam esta afirmativa, uma vez que a busca a partir dos filtros de palavras-chave como infância e geografia apresenta relevante aumento no número de publicações ao longo dos anos. Neste trabalho, nos associamos a alguns de tais estudos (Lopes, 2013; Lobato, 2024; Bonomo, 2023), numa perspectiva de pesquisa que requer pensar a infância para além de uma faixa etária e romper com a concepção na qual a criança é compreendida exclusivamente como objeto de investigação, deslocada de seu contexto histórico, geográfico e cultural.

Com Oliveira (2011) conceituamos a infância como uma construção histórica que evidencia representações e concepções sobre o que é ser criança, o lugar social que ocupa, como vivem e interagem. Ao pensar os estudos da infância a partir da geografia, nos atemos à afirmação de Lopes e Vasconcelos (2006, p.110) “toda criança é criança de algum lugar”, ou seja, a infância só pode ser compreendida a partir da produção cultural e da produção do lugar.

A estreita relação entre a infância e o espaço integra o campo do conhecimento denominado Geografia da Infância, compreendido por autores Lopes e Costa como: “o estudo das crianças, suas infâncias e condições geográficas” (2017, p.115). A criança, enquanto sujeito social e ser geográfico, produz concepções em relação ao espaço que a cerca, a partir da sua interação com os adultos e demais crianças de seu convívio social, o que Vigotski (2007) denomina como vivência.

Os estudos da geografia da infância têm grande contribuição da teoria histórico-cultural de Vigotski, visto que refletem sobre o contexto histórico, cultural e social de cada indivíduo para o desenvolvimento humano e o compreendem na sua singularidade (Lopes; Vasconcelos, 2006), o que leva à construção da vivência, ou seja, as interações sociais e experiências subjetivas que cada criança possui, inclusive pelo espaço.

A fim de reconhecer as narrativas das crianças, utilizamos os mapas vivenciais como formas de expressão e comunicação de suas vivências espaciais. Esta escolha se fez pois o mapa é a concretização do pensamento geográfico (Lobato e Lopes, 2021), mas para fundamentar a



condição geográfica das crianças é necessário interrogar e talvez romper com a lógica tradicional da cartografia escolar. Esta, ao possuir uma preocupação com os critérios técnicos, tenderia a anular a produção dos mapas produzidos pelas crianças, já que suas lógicas não atendem às expectativas técnicas estabelecidas pelos adultos e suas convenções.

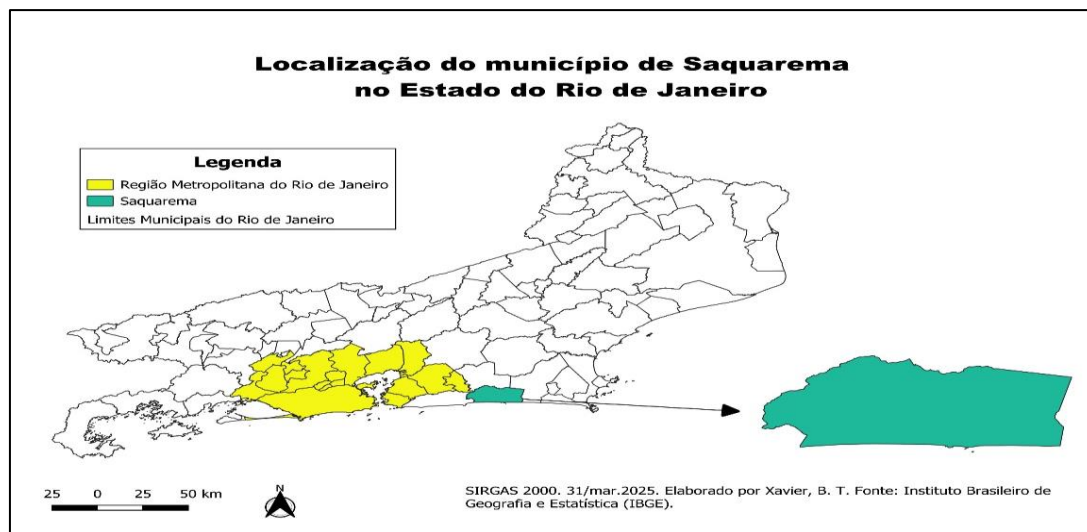
Ao buscar a lógica espacial da criança, os mapas vivenciais se adequam, pois permitem a livre expressão da criança. Desta forma este trabalho tem o compromisso ético e político de reconhecer a criança enquanto protagonista na compreensão e representação do espaço geográfico, vistas como sujeitos da pesquisa e não como objeto de pesquisa, por isto destacamos diversos momentos do trabalho as produções e narrativas das crianças, reafirmando-as como sujeitos produtores de suas histórias e espacialidades.

METODOLOGIA

A primeira etapa do desenvolvimento deste trabalho tem por base o levantamento bibliográfico de autores que se dedicam ao estudo da geografia da infância, da cartografia enquanto linguagem e mapas vivenciais, como Lobato e Lopes (2021), Lopes e Vasconcellos (2024) e Oliveira (2011).

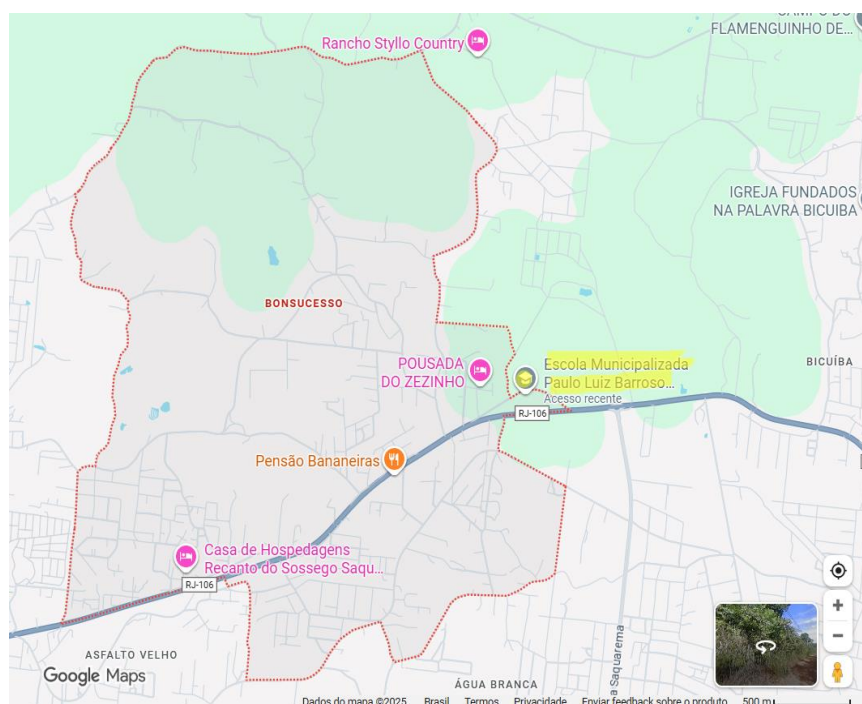
Os mapas vivenciais foram produzidos por alunos do segundo ano do ensino fundamental – anos iniciais da Escola Municipalizada Paulo Luiz Barroso Oliveira, localizada no bairro de Bonsucesso, no município de Saquarema (figura 1), pertencente à região das Baixadas Litorâneas do Rio de Janeiro, o vetor do bairro é apresentado na figura 2.

Figura1 – Mapa de localização do Município de Saquarema no estado do Rio de Janeiro



Fonte: IBGE, 2025

Figura 2 – Vetor do bairro de Bonsucesso em Saquarema



Fonte: Google Maps, 2025

Para preservar a identidade das crianças, foram utilizados pseudônimos ao se referir a elas. A atividade de produção dos mapas foi realizada com a autorização prévia da equipe diretiva responsável pela unidade escolar.



A escuta sensível (Barbier, 1998) da narrativa das experiências espaciais das crianças na cidade expostas em seus mapas vivenciais fundamenta o trabalho de análise com as narrativas, de acordo com Benjamin (1985) e Oliveira (2011).

CARTOGRAFIAR COM AS CRIANÇAS

De acordo com Seemann (2003) a observação das imagens é essencial para a compreensão da realidade, sobretudo com o avanço das tecnologias da informação que nos bombardeiam e por vezes moldam representações da realidade. A ciência geográfica pode ser caracterizada como uma disciplina visual (Seemann, 2003), a análise da paisagem e as aulas de campo evidenciam o caráter visual da geografia na qual a cartografia possui centralidade.

Os mapas também podem se caracterizar como imagens, uma vez que também representam fenômenos espaciais. Aqui não me refiro a análise “rígida” do mapa, onde este é apenas a mera imagem informativa do cartógrafo para o usuário, como é estabelecida pelo senso comum. Ao pensar o uso dos mapas com as crianças é necessário considera-los como linguagem (carto)gráfica, enquanto forma de comunicação. Os mapas são formas de comunicar o pensamento geográfico que é atravessado pela subjetividade humana, como evidencia Dardel (p.14, 2015) o espaço geográfico não é somente superfície, é espaço onde se desenvolve a existência humana.

A relação dos mapas com as crianças dialoga com a perspectiva de Seemann (2003) e Dardel (2015) e Lopes (2021), uma vez que desacostumam as lógicas espaciais cristalizadas e partem da perspectiva subjetiva, reconhecendo a relação do homem com a terra. A condição espacial é inerente ao ser humano, as crianças não estão isentas dessa relação topográfica, desta maneira expressam através de inúmeras linguagens suas espacialidades dentre elas as narrativas, desenhos e mapas vivenciais, Lopes (2012) caracteriza o mapa vivencial como:

movimentos de representações cartográficas que tragam não só os elementos do mundo adulto (Cartografia para Crianças), mas também as referências das próprias crianças, as suas lógicas próprias presentes nos diferentes momentos de seu desenvolvimento (...) Os mapas vivenciais têm nos possibilitado trazer a Cartografia para sua dimensão plural. (LOPES, p. 222-224, 2012).

Os mapas vivenciais permitem a leitura do mundo a partir da lógica infantil, onde a terra pode ser lida como um texto a ser decifrado (Dardel, 2013), neste sentido a imaginação possui um papel fundamental, isso porque a imaginação é a maneira na qual a criança pressupõe novos futuros possíveis (Girardello, 2011).



Sendo assim, a geografia da infância tem grande interesse em reconhecer o protagonismo da criança enquanto produtora de geografias. Neste estudo, defendemos que, por meio dos mapas desenhados em atividades escolares, as crianças expressam os espaços da cidade pelos quais possuem afetividade, demonstrando geografias presentes nas suas práticas, que tornam espaços em lugares.

Os desenhos de mapas vivenciais produzidos pelas crianças se deram pelo reconhecimento do desenho como processo fundamental no desenvolvimento da criança (Lobato, 2024) e espacialização da vida.

Valorizar os desenhos produzidos pelas crianças é reconhecer suas produções como formas legítimas de expressões espaciais do seu cotidiano, e os consideramos mapas pois apresentam as relações espaciais entendidas pelas crianças, ainda que não atendam os elementos técnicos estabelecidos pelas convenções cartográficas formais. Lobato (2024) reforça a importância do desenho para a cartografia infantil ao afirmar que

um desenho pode não ter todos os elementos técnicos de um mapa, ele pode ainda assim conter uma rica teia de significados espaciais e narrativas que o tornam, para a criança, um verdadeiro mapa de significados. (LOBATO, 2024, p.55)

Desta maneira, a escola enquanto espaço de desenvolvimento pedagógico e social precisa propor geografias que comuniquem com a vivência das crianças (Theves e Kaecher, 2022), uma vez que é um espaço formado por sujeitos diversos e com perspectivas e experiências múltiplas. Os desenhos dos mapas vivenciais abarcam essa diversidade de espacializações dos estudantes do segundo ano da escola de Saquarema.

GEOGRAFIAS INFANTIS E SUAS VIVÊNCIAS

Lobato (2024) ressalta a importância do conceito de vivência, ao apontar as interações sociais e culturais como modeladoras das experiências e compreensão do mundo ao nosso redor. Sendo assim, a cada criança será apresentado mundos particulares e singulares que se relacionam diretamente à sua vivência. É notadamente relevante reconhecer o ambiente que cerca a criança, uma vez que corrobora para a construção do seu entendimento de mundo.

Desta maneira, é imprescindível descrever o bairro em que está localizada a Escola Municipalizada Paulo Luiz Barroso, unidade que recebeu a pesquisa. A unidade escolar está localizada no bairro de Bonsucesso, em Saquarema, às margens da Rodovia Amaral Peixoto. O



local vem recebendo obras de ampliação de espaços de lazer, como a praça e a academia ao ar livre, além da construção de creches e escolas e a pavimentação de ruas.

Em diálogo com as crianças, é relatado por elas o costume de brincar na rua com vizinhos que também são colegas de sala na escola. Algumas crianças moram próximo à rodovia e outras em áreas mais afastadas, locais que são chamados pelas crianças como “lá pra dentro”. Algumas tem maior acesso à praça, lagoa e praia, principalmente as que moram próximo a rodovia onde há circulação de ônibus, já as que moram “lá pra dentro” costumam se deslocar de bicicleta ou caminhando até a pista.

É possível perceber que a Rodovia Amaral Peixoto possui uma centralidade no bairro, visto que a expressão “lá pra dentro” se refere as casas mais distantes da rodovia. Há uma lógica espacial marcada pelas próprias crianças em relação ao seu espaço de vivência, além de comprovar que apesar de morarem no mesmo bairro, as crianças vivenciam o espaço de maneira diferenciada, principalmente devido à localização geográfica de suas residências.

Após uma conversa entre a professora e as crianças sobre os lugares que gostavam de ir e se sentiam felizes, foi pedido que as crianças fizessem um desenho que representasse esse local. Os desenhos produzidos pelas crianças da turma do segundo ano proporcionaram diversas interpretações espaciais, pois as crianças produziram mapas vivenciais de diversos espaços da cidade. Alguns desenharam a Lagoa de Araruama, a escola, a casa da avó ou do pai, a praça do bairro e até mesmo um pequeno shopping da cidade, como seus lugares.

Abaixo vemos três desenhos apresentados pelos estudantes do segundo ano dos anos iniciais do ensino fundamental, onde apresentam os lugares da cidade em que se sentem felizes. O Gustavo apresentou o seu desenho (Figura 3) e compartilha com a professora a seguinte descrição: “Eu fiz a casa de seu pai. Eu gosto de ir para a casa do meu pai, fico brincando por lá, a rua é de chão e é cheio de mato em volta. Demora um pouco pra chegar lá, mas lá eu fico feliz.”

Figura 3 – A casa do Pai de Gustavo



Fonte: Acervo das autoras, 2025.

Na figura 4 a criança chamada Maria escolheu a casa da avó como sendo o seu lugar e faz a seguinte descrição para a professora: “A casa da minha avó é meu lugar favorito, ela fica no morro, “lá pra dentro”, temos que subir um monte de escadas para chegar”.

Figura 4 - A casa da Maria



Fonte: Acervo das autoras, 2025.

Diferente dos colegas, a Yasmin escolheu o shopping da cidade como sendo o seu lugar, o shopping fica localizado no centro da cidade de Saquarema, ela fez a seguinte descrição: “Eu fui no shopping semana passada e foi muito legal. Quero ir mais vezes, já pedi pra minha mãe me levar para ver outro filme”.

Figura 5 - O shopping da Yasmin



Fonte: Acervo das autoras, 2025.

Segundo Tuan (1980), o espaço se torna lugar à medida que os sujeitos o conhecem melhor e a ele atribuem valor. As crianças, como sujeitos moradores de Saquarema, reconhecem os espaços da cidade enquanto lugar, marcado de significado real e afetivo, o que possibilita a construção de uma identidade individual, visto que os lugares e seus atributos possuem significados diferentes para cada criança, de acordo com sua história de vida (Lopes e Vasconcellos, 2006). Os espaços apresentados revelam que as crianças vivenciam a cidade de maneira singular e apresentam afetividade com seus lugares da cidade de Saquarema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, na esteira de diversos outros que defendem o protagonismo das crianças, enquanto sujeitos sociais, pontua a necessidade de incentivar a autonomia criativa das crianças na escola. Contudo, é preciso pontuar que o ambiente escolar tem limitado a expressão criadora



das crianças, conformando-se à massificação de habilidades e competências pré-estabelecidas nos currículos. Esse foi um desafio encontrado ao longo da pesquisa, pois as crianças tem também – uma vez que inseridas no campo social e seus desafios - manifestado adesão imediata em realizar tarefas mecânicas, que desconsideram os seus saberes cotidianos, o que gera estranheza quando possuem liberdade para se expressarem.

Em um movimento dialógico, as crianças foram provocadas a narrar e mapear os espaços que vivem na cidade e, em vista do que sensivelmente escutamos, está evidente a necessidade de reconhecer os saberes geográficos infantis, expressos através de diferentes linguagens, especialmente através da linguagem cartográfica, identificando em suas experiências, seus lugares, que as constituem e que são produzidos por elas. Quando a cartografia é mobilizada com o objetivo de romper com seus moldes tradicionais e se concentra na valorização da expressão, da autoria e da criação da criança através dos desenhos e mapas vivenciais, faz emergir um grande potencial para aprender e ensinar geografia com as infâncias.

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA (Org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. Vol. 1. São Paulo: **Brasiliense**, 1985.

BONOMO, L. (Org). Compreender pelo espaço e com crianças: saberes em diálogo para aprender e ensinar geografia nos anos iniciais. São Carlos: **Pedro & João Editores**, 2023.

LOBATO, R. ; LOPES, J. Protagonismo Infantil e Cultura Cartográfica: as crianças e a pandemia. **Revista Tecnologias na Educação**, v. 13, p. 1-13, 2021.

LOBATO, R. Mapa e desenho infantil: uma forma de pensar, narrar e apresentar a espacialização da vida pelas lógicas e autorias das crianças. In: FREITAS, M. C.; SOUZA, M. V. de (Org.). **Cartografias nas infâncias: vivências e registros do espaço geográfico com bebês e crianças**. São Carlos: **Pedro & João Editores**, 2024.

LOPES, J. Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequenas. **Geografares**, Vitória, Brasil, n. 12, p. 211–227, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3193>. Acesso em: 20 abr. 2025.

LOPES, J. Terreno Baldio. Um livro para balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias. Por uma teoria sobre a espacialização da vida. São Carlos, **Pedro & João Editores**, 2021.

LOPES, J. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. R. **Educ. Públ.** [online]. Vol.22, n.49, pp.283-294, 2013.



LOPES, J. J.; VASCONCELLOS, T. M. Geografia da infância: Territorialidades Infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, p.103-127, Jan/Jun 2006.

LOPES, J. COSTA, B. Geografia da infância: onde encontramos as crianças? **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017. p.101-118.

OLIVEIRA, M. Crianças narradoras e suas vidas cotidianas. **Editora Rovel**, 2011.

SEEMANN, J. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. **Geografares**, n. 4, 2003.

TUAN, Y. Topofilia. São Paulo: **Difel**, 1980.

VIGOTSKI, L. A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: **Martins Fontes**, 2007.